

Juçara Oliveira Rodrigues

Mestranda em PROFLETRAS pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI.
Pós-graduada em LIBRAS: ênfase na Educação Bilingue para surdos
pela Faculdade Internacional Signorelli, FISIG-Rio de Janeiro.
Pós graduada em Metodologia do Ensino da Educação Superior pela FACINTER-Uninter.
Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal do Piauí- UFPI.
Aperfeiçoamento em extensão em espanhol pela Universidade Federal do Piauí-UFPI.
Bolsista CAPES.

Maisa Ramos Rodrigues da Silva

Mestranda em PROFLETRAS pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI.
Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pela Universidade Estadual do Piauí -UESPI.
Pós- graduada em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal do Piauí -UFPI.
Graduada em Licenciatura Plena em Letras – Português pela
Universidade Estadual do Piauí -UESPI.
Bolsista CAPES.

Helena de Sousa Costa

Mestranda em PROFLETRAS pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI.
Pós-graduada em Linguística aplicada ao ensino de língua portuguesa pela
Universidade Estadual do Piauí-UESPI.
Graduada em Licenciatura Plena em letras – português pela
Universidade Federal do Piauí-UFPI
Bolsista CAPES

RESUMO

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, identificando o tratamento dado aos conteúdos das áreas de Fonética e Fonologia utilizando como aporte as orientações da Base Nacional Comum Curricular- BNCC (BNCC) para as séries finais do Ensino Fundamental. Com as implementações sugeridas pela BNCC, o texto (oral, escrito, multimodal/multissemiótico) torna-se o centro das atividades de linguagem e nessa perspectiva, espera-se encontrar por meio da pesquisa de cunho bibliográfico, com abordagem dedutiva a presença (o lugar de importância) das questões de Fonética e Fonologia no material didático disponibilizado aos professores dos anos finais do Ensino Fundamental. Após análise da coleção de livro didático *Conexão e Uso*, aprovada pelo PNLD (2020-2023) evidenciou-se uma proposta de trabalho integrado, centrada em temas tidos com relevantes e atuais, conforme à faixa etária, com uma abordagem desenvolvida em progressiva complexidade em termos de linguagem, estruturação, campo semântico e recursos expressivos. Porém, diante de uma proposta dita como sociointeracionista e discursiva, percebeu-se uma abordagem genérica das questões da área de fonética e fonologia, cuja ocorrência enquanto objeto do conhecimento aparecem ora como variação linguística ora como conteúdos fono-ortográficos associados a todos

os campos de atuação das séries finais do ensino fundamental.

Palavras-chave: livro didático; fonética; fonologia; língua portuguesa; BNCC.

INTRODUÇÃO

A partir do entendimento de que o ensino de Língua Portuguesa é ancorado no estudo do texto, torna-se pontual compreender os questionamentos sobre a abordagem desse estudo e os mecanismos disponíveis para proporcionar uma análise linguística que abranja os textos multimodais e multissemióticos na realidade da sala de aula. Nessa perspectiva, este artigo, que é fruto da disciplina “Fonologia, variação e ensino”, realizada no primeiro período do Mestrado Profissional de Letras (PROFLETRAS - 2021) Campus Torquato Neto, que propõe realizar uma discussão sobre as mudanças implementadas para o ensino de Língua Portuguesa e como os professores do ensino fundamental podem conciliar em sua prática cotidiana os conhecimentos linguísticos acerca dos conteúdos das áreas de Fonética e Fonologia. Para tanto, utilizou-se como corpus da pesquisa de cunho bibliográfica, uma coleção de livros didático de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. O estudo fundamenta-se em teóricos como Bisol (1994), Hora (2021), Roberto (2016), Silva (2003), assim como as orientações metodológicas do manual do professor presente na coleção de livros didáticos Conexão e Uso, das autoras Delmanto & Carvalho, adotada pelo PNLD quadriênio 2020-2023. Espera-se alcançar resposta para a indagação: O livro didático, em sua abordagem dos eixos integradores Leitura, Oralidade, Análise linguística/Semiótica apresentam os conteúdos da área de Fonética e Fonologia em consonância com a BNCC?

DESENVOLVIMENTO

Considerações sobre estudos fonéticos-fonológicos

Ciente das novas demandas para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, em que o ensino da língua deve ocorrer de maneira contextualizada às práticas sociais surge a necessidade de situar os conteúdos das áreas de Fonética e Fonologia no curriculum nas séries finais do Ensino Fundamental. Conforme Hora (2013, p 12): “A Fonologia trata do estudo das unidades linguísticas menores da língua (fones), numa perspectiva de estudo sistemático da mesma; já a Fonética, aborda para a produção, propagação e percepção dos sons identificados por meio de fonemas”.

As preocupações, a respeito da fonética já existia desde a antiguidade com a representação dos sons humanos. Entre os gregos, Platão (424-348 a.C.) em alguns de seus diálogos (Crátilo 424a-425b, Teeteto 203 ab, Filebo 18 bc) testemunha o uso de termos como “letra” (γράμμα) e “sílabas” (συλλαβή). Sobre o surgimento de estudos fonéticos enquanto relatos

conscientes, os primeiros registros são atribuídos ao gramático indiano Panini ainda no século IV, AC., que fez um relato sobre os pontos de articulação do sânscrito, com uma preocupação religiosa em melhorar a dicção das palavras para que as preces fossem atendidas. Quanto à Fonologia, tem-se como marco de referência os estudos do Círculo de Praga (1926) e a publicação da obra póstuma de Nikolaj Sergeevič Trubeckoj (1890-1938), intitulada *Grundzüge der Phonologie*, com análise de cerca de 200 sistemas fonológicos.

Desde as propostas estruturalistas, baseadas em Saussure (1916) que propõe a dicotomia entre língua e fala às teorias gerativistas, ancorada nas concepções de Chomsky (1965), diversas teorias apresentaram modelos de interpretação dos aspectos sonoros das línguas. Assim, entende-se que compreender os fundamentos fonéticos-fonológicos e ortográficos das línguas é primordial para viabilizar seu ensino e conforme aponta Hora (2013), há muitas razões para estudar Fonética e Fonologia, dentre elas:

No ensino da Língua Materna, se é que isto seja possível, os professores precisam entender como se dá o processo de aquisição dos sons. É importante saber, por exemplo, que os sons não são adquiridos ao mesmo tempo, que existe uma idade para que determinados processos não aceitáveis na norma sejam descartados e assim por diante (HORA, 2013. pág.15).

Aos professores de língua, cabe desenvolver uma postura de criticidade sobre os fenômenos da língua, sendo necessário desmistificar algumas falas comuns entre professores, tais como: “É difícil a disciplina Fonética e Fonologia”, “Para quê estudar Fonética e Fonologia”, “Esses alunos não têm jeito, escrevem tudo errado”. Desabafos que refletem escassez de conhecimentos, consequência de uma formação que negligencia a importância dos estudos fonético-fonológicos e que permitem conclusões deturpadas sobre fenômenos (chamados genericamente de erros) percebidos na fala e escrita dos alunos.

Diante disso, é preciso situar os estudos fonéticos-fonológicos no seio dessa proposta de estudo da Língua Materna que tem o texto como objeto central do ensino. De acordo com Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015),

é preciso que certas áreas, como a Fonética e a Fonologia, que ocupam as grades curriculares de vários cursos de graduação, tenham, além de seu valor científico para a pesquisa na área da Linguística, uma função no mundo concreto daqueles que estarão em ambientes escolares. Primeiramente, é preciso que o futuro professor encontre um sentido para aprender tais conceitos e que, em um segundo momento, seja capaz de tirar o insumo dessas disciplinas a ponto de que seu conhecimento ampliado possa ser útil na sua profissão. (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 164).

Em outras palavras, segundo as autoras, faz-se necessário que os professores pesquisem, estudem sobre Fonética e Fonologia e as contribuições que essas subáreas da Linguística têm a subsidiar para o ensino de Língua Materna. Por meio de uma fundamentação teórica, mínima que seja, certamente haverá uma mudança de pensamento dos professores diante do desafio de ensinar/mediar os multi conhecimentos do Currículo de Língua Portuguesa. Não obstante, permanecerá como um “velho fantasma” a ideia de que os alunos são culpados pelo insucesso ou fracasso quanto aos processos de apreensão da escrita e fluência leitora, cabendo aos professores de língua a tarefa de ensinar a falar, escrever adequadamente.

BNCC e ensino de Língua Materna

Para proceder com um ensino de língua, uma nação necessita de documentos que fundamentem e legalizem esse estudo. No Brasil, desde a colonização, prepondera uma proposta de ensino com pilares europeus e foi somente em 1759 que Marquês de Pombal, decretou o uso da Língua Portuguesa como idioma oficial em todo o território nacional, obrigando seu uso a partir de documento oficial.

São muitas as Leis que regem o Sistema Educacional no Brasil, a começar pela Constituição Federal de 1988, a Carta Magna do país, que destina à Educação todo um capítulo, sendo este composto por 10 artigos repletos de princípios. Mas é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que regulamenta o Sistema Educacional Brasileiro, tanto público quanto privado.

A atual LDB, Lei nº. 9394, foi sancionada em dezembro de 1996, no seu Capítulo IX apresenta importante orientação:

Art. 9º A União incumbir-se-á de: (Regulamento)

I - elaborar o Plano Nacional de Educação, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios;

II - organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais do sistema federal de ensino e o dos Territórios;

III - prestar assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para o desenvolvimento de seus sistemas de ensino e o atendimento prioritário à escolaridade obrigatória, exercendo sua função redistributiva e supletiva;

IV - estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum;

IV - A - estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, diretrizes e procedimentos para identificação, cadastramento e atendimento, na educação básica e na educação superior, de alunos com altas habilidades ou superdotação; (Incluído pela Lei nº 13.234, de 2015) (...) (BRASIL, 1996).

Nesse capítulo, tem-se o embrião para as primeiras discussões sobre a criação de um modelo comum de currículo a ser implantado no Brasil. Concebida alguns anos depois, a BNCC objetiva nortear os currículos dos estados e municípios de todo o Brasil, mas não funciona como um currículo pronto, com normativas exclusivas. Ela funciona como uma orientação aos objetivos de aprendizagem de cada etapa da formação escolar, sem ignorar as particularidades de cada escola no que diz respeito à metodologia e aos aspectos sociais e regionais.

Neste artigo, ressalta-se a necessidade de refletir, de modo restrito, sobre as orientações da BNCC ao Componente Curricular Língua, com ênfase à Língua Portuguesa e ao tratamento dado aos conteúdos fonéticos-fonológicos das séries finais do Ensino Fundamental.

Assim como acontece para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental é estruturado a partir de competências gerais que organizam-se em áreas de conhecimentos e essas organizam-se em uma ou mais componentes curriculares. Para assegurar o desenvolvimento dessas competências específicas, cada componente curricular traz um conjunto de habilidades, que se relacionam a diferentes objetos do conhecimento (conceitos, conteúdos e processos) organizados em unidades temáticas.

Sobre o componente curricular Língua Portuguesa, a BNCC esclarece:

O componente Língua Portuguesa da BNCC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas, buscando atualizá-los em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século, devidas em grande parte ao desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). (BRASIL, 2008, p. 67).

Assim, quando a BNCC fala especificamente do Componente Curricular Língua Portuguesa, percebe-se que o documento tem um caráter dialógico, ratificando as recomendações de estudo enunciativo-discursiva de linguagem, já indicadas nos PCN'S. Além disso, amplia as possibilidades de estudo do texto, ao indicar novas práticas como a escuta ativa, a valorização da cultura digital e uma análise da língua de maneira contextualizada às práticas sociais.

E para que haja uma organização do Componente Curricular de

Língua Portuguesa, a BNCC propõe quatro grandes eixos de integração: leitura/escuta; produção (escrita e multissemiótica); oralidade; análise linguística/semiótica (reflexão sobre a língua, normas-padrão e sistema de escrita). Dentre esses eixos, espera-se encontrar um lugar onde apareçam questões do âmbito da Fonética e Fonologia favorecendo aos estudantes possibilidades de refletir sobre o funcionamento da língua, levando-se em consideração suas características subjacentes e não apenas superficiais.

Da BNCC ao livro didático

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é um programa voltado à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira, voltado à educação básica brasileira, tendo como única exceção os alunos da educação infantil.

Ao propor uma análise da coleção de livro de Língua Portuguesa, no caso a coleção em análise deu-se por tratar-se de uma publicação recente e aprovada pelo PNLD, material disponível aos alunos da rede municipal de Teresina. Conforme já esclarecido, busca-se identificar no cerne da abordagem da autora, como se dá a presença das questões fonética-fonológicas em relação ao estudo do texto. Segundo Delmanto & Carvalho (2018), nesta coleção, os tipos textuais são abordados sempre em relação a um determinado gênero. Sobre a concepção de linguagem adotada na coleção, as autoras esclarecem:

A concepção que adotamos de linguagem como uma forma de ação e interação está diretamente vinculada às práticas de linguagem relacionadas à leitura não só de textos escritos, mas também de textos não verbais, como pinturas, gráficos, desenhos, imagens com ou sem recursos de vídeo ou áudio em gêneros digitais, e à produção autoral, sendo o texto o produto resultante dessa interação, materializado em determinado gênero. O texto, em seu sentido amplo, é entendido como uma unidade comunicativa com sentido, que se veicula por meio de linguagens verbais e não verbais e seus cruzamentos (DELMANTO & CARVALHO, 2018, p. 07).

Fica explícito assim, que a autora parte de uma concepção de linguagem na qual o estudo do texto relaciona-se às práticas de linguagem, favorecendo o estudo, em sala de aula, da chamada cultura digital com os textos multimodais, num processo de interação entre o escrito e o audiovisual, com o intuito de que os alunos se capacitem a ler, compreender e criticar os textos em análise. E em algumas seções da coleção, os conceitos subjacentes dessa concepção de língua e linguagem começam a ser delineados por meio de atividades inseridas, como o observado nas seções *Reflexão sobre a língua e Oralidade*, conforme será demonstrado nos

recortes a seguir:

Reflexão sobre a língua

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

- Nesta seção, abordamos em paralelo a revisão/fixação e a construção de conhecimentos ortográficos, lexicais, gramaticais, textuais, discursivos, sociolinguísticos e semióticos necessários à compreensão do funcionamento da língua e das características de outras semioses, também inseridas em práticas de leitura e escrita.
- Trabalhe as atividades oralmente de forma coletiva. Solicite a alguns alunos que leiam em voz alta para a turma as explicações teóricas que aparecerem ao longo da seção.

Reflexão sobre a língua * Não escreva no livro!

4 Língua e linguagem

Você já reparou como a todo momento estamos interagindo com as pessoas utilizando as mais variadas formas de comunicação: pela fala, pela escrita, por gestos e expressões faciais ou corporais, imagens, recursos específicos da linguagem digital? Sente-se com um colega. Juntos, reflitam sobre esta questão.

1. Leia esta tira.

Fonte: Folha de São Paulo, São Paulo, 27 jul. 2007. Edições.

Figura 1: Reflexão sobre a língua: Língua e Linguagem. Volume 1 (pág. 30)

Nessa abordagem, a autora aproveita para elucidar os conceitos de língua, linguagem, as possibilidades de manifestação de comunicação por meio dos textos verbais e não verbais (visuais), bem como os outros recursos como cores, enquadramento das cenas necessários para compreender a história.

Seguindo a proposta de centralidade do texto como objeto de ensino, Delmanto, percebe-se a interface fonologia e sintaxe da língua na proposta selecionada ainda na seção Reflexão sobre a língua, demonstrada na seção a seguir:

Reflexão sobre a língua

Não escreva no livro!


Fala e escrita

Fala e escrita são modalidades da língua, cada uma com suas próprias características. Você sabe quais são as características da fala e quais são as da escrita?

- Para iniciar a reflexão sobre como fala e escrita se realizam, assista com o professor a um vídeo em que a contadora de histórias Edi Fonseca comenta o livro *Uma Chapeuzinho Vermelho*, de Marjolaine Leray. A seguir, está a **transcrição** de um trecho da fala da contadora. Faça a leitura acompanhando com o vídeo. Em seguida, realize as atividades propostas.

Bom... *Uma Chapeuzinho Vermelho* é um livro imperdível porque conta uma história que a gente... já conhece, uma história clássica, que muitas pessoas conhecem... é... e que a retoma de uma maneira diferente, uma maneira inovadora, com final surpreendente, mas ela, claro, mesmo pras crianças que não a conhecem, que não a conhecem, que não conhecem a história original, ela... é possível de compreender, mas é que pra quem não conhece a história... é... [tsc], pra quem conhece a história original, ela tem um humor, uma coisa muito divertida que aparece, que fica muito evidente... é... na narrativa. É um livro... é... muito bonito, que tem um... um traçado... é... que nos remete a... ao desenho infantil, né?... traçados muito simples... é... em preto e branco, onde o vermelho vai aparecer só pra Chapeuzinho Vermelho mesmo, dando força à personagem, nas falas dela, e esse desenho infantil nos, nos... dá à Chapeuzinho Vermelho é... uma leveza, uma inocência, né?... ah... algo frágil, uma fragilidade, esse traçado simples sem muitos detalhes, é... um traçado mais limpo, um desenho mais claro, né?... traz essa leveza pra história e pra personagem. É... é... o que é bacana no livro é o casamento entre o texto e a imagem; os dois é que narram a história [...].

transcrição: escrita de um texto ou trecho em outro lugar; reproduzir ou passar para a escrita algo que está sendo ouvido.



Capa do livro *Uma Chapeuzinho Vermelho*, de Marjolaine Leray, Companhia das Letrinhas.

Texto transcrito do canal *Novo Estudo*. Edi Fonseca recomenda "*Uma Chapeuzinho Vermelho*" — 100 indicações de livros. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5o43MS2j1SE&list=PL2A>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

Reflexão sobre a língua

- Apresente aos alunos o vídeo da contadora de histórias Edi Fonseca, no qual ela recomenda a leitura do livro *Uma Chapeuzinho Vermelho*, de Marjolaine Leray. Oriente-os a acompanhar o vídeo com a leitura do trecho transcrito. Em seguida, converse com os alunos sobre suas impressões iniciais, fomentando a discussão das características da língua falada, como as hesitações, a quebra na sequência de frases, as repetições, as retificações, etc., além da postura da apresentadora, que se dirige diretamente ao espectador, seus gestos, seu olhar, a intensidade da voz, a movimentação do corpo, das mãos, etc. Se necessário, apresente o vídeo mais de uma vez para que os alunos consigam observar as características que serão exploradas nas atividades. Caso não seja possível reprodutir o vídeo para os alunos assistirem e acompanharem com a leitura da transcrição, faça a leitura do texto seguindo as pausas indicadas pelas reticências.
- Ajude-os a perceber que os recursos de ênfase, obtidos na escrita pela pontuação

Figura 2: Reflexão sobre a língua- fala e escrita. Volume 1 (pág. 39)

Fala e escrita são definidas como modalidades da língua, cada uma com suas características. No exemplo acima (Figura 2), após a sugestão de assistir ao vídeo onde a contadora Edi Fonseca (2019) narra o livro *Uma Chapeuzinho Vermelho*, segue uma transcrição da fala dessa contadora. Nessa abordagem interessante, a autora suscita questões sobre as características próprias da fala, escrita; pergunta se a fala da contadora é mais descontraída ou mais formal; sugere aos alunos que reescrevam o texto da transcrição, adaptando-o à modalidade escrita, apresentar exemplos de gêneros textuais orais e escritos que fazem parte do cotidiano.

Ainda no mesmo volume, agora na seção *Oralidade* tem-se a abordagem de questões de Fluência e expressividade na leitura oral, como reflexo das orientações da BNCC, que recomenda:

No caso de textos orais, essa análise envolverá também os elementos próprios da fala, como ritmo, altura, intensidade, clareza de articulação, variedade linguística adotada, estilização etc., assim como os elementos paralinguísticos e cinésicos, postura, expressão facial, gestualidade etc (BRASIL, 2008, p.80).

Percebe-se, uma alusão à materialização do texto falado, que ao contar com a interação de um interlocutor apresenta situações inusitadas, como mudança do rumo da conversa, pedido de explicações, etc. Na

abordagem com o gênero tira em quadrinhos, a autora esclarece sobre o que é ‘entonação’ e apresenta comandos para a realização de um exercício-treino de leitura oral.

Oralidade

Não escreva no livro!

Fluência e expressividade na leitura oral

Você gosta de ler em voz alta? Ou de falar para um grupo maior de pessoas, dando avisos ou fazendo uma apresentação oral, por exemplo?

Falar em público ou ler em voz alta, com fluência, entonação, expressividade e clareza, é muito importante para sermos bem compreendidos por nossos interlocutores.

Leia esta tira com atenção.

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*. Disponível em: csmo2.uol.com.br/niquel/nausea_mes/2017/05/30/gf/. Acesso em: 28 jun. 2018.

Entonação é a habilidade de variar a altura da voz em uma palavra ou sequência de palavras para indicar diferentes intenções ou sentimentos: afirmar, perguntar, ordenar, pedir, expressar irritação, surpresa, sauto, alegria, etc.

- Em sua opinião, o comentário do segundo personagem, no último quadrinho, “É você que lê devagar!”, tem razão de ser? Explique sua resposta.

Resposta possível: Possibilidade: Sim. A leitura é malfada, hesitante, e se torna desinteressante para os ouvintes. Além disso, a leitura vagarosa, solene (tipo equívoco) prejudica a construção da história.

Unidade 3 109

Figura 3: Seção Fluência e expressividade na leitura oral. Volume 1 (pág. 109)

Na tira acima, uma tentativa de leitura do personagem Níquel Náusea: “E- ENTÃO... A... BR... BRUXA.. MALFA.. MALVADA... FAL.. FALOU...”, rapidamente criticada por ratos (filhotes): “É QUE VOCÊ LÊ DEVAGAR!”, abre espaço para um a discussão, na sala de aula, sobre “Quem lê devagar?” e realização de um exercício envolvendo a leitura oral e treino de fluência tendo como base sinopses de vídeos.

Outras questões sobre entonação também aparecem em várias situações ao longo da coleção e por trata-se de um material que segue um fluxo didático pós séries iniciais do Ensino Fundamental, imagina-se que, as atividades estejam dando sequência aos estudos realizados nas etapas anteriores e que os alunos, tenham desenvolvido um que lhes permita seguir com a realização das propostas sugeridas.

Nesta busca pela abordagem dos conteúdos fonético-fonológicos, um exemplar de atividade sobre acento, um conteúdo bastante denso e importante. De acordo com Bisol (1996) o acento do português é sensível ao peso silábico final e a língua constrói pés métricos binários com cabeça à esquerda, partindo da borda direita da palavra. Estas duas regras contemplam a maioria dos vocábulos do português e verifica-se, portanto, que os casos não marcados, isto é, as tendências prosódicas da língua, são as oxítonas terminadas em sílaba pesada e as paroxítonas terminadas em sílabas leves.

No livro, no entanto a abordagem dar-se mais ao nível do acento gráfico, ou seja, enquanto recurso da ortografia portuguesa utilizado para marcar a tonicidade das sílabas, fato percebido na abordagem que segue, pensada de modo a levar os alunos ao reconhecimento das palavras de modo a perceber que nem toda sílaba tônica é acentuada.

Fique atento... Não escreva no livro!

... à ortografia: acentuação de oxítonas e proparoxítonas

Você já sabe qual é a diferença entre sílaba tônica e sílaba átona. Já sabe também que, de acordo com a posição da sílaba tônica, as palavras são classificadas da seguinte maneira.

Oxítonas são as palavras cuja sílaba tônica é a última. Exemplos: café, saci, sofá.
Paroxítonas são as palavras cuja sílaba tônica é a penúltima. Exemplos: descontrolé, outra, memória.
Proparoxítonas são as palavras cuja sílaba tônica é a antepenúltima. Exemplos: lâmpada, tônica, paralelepípedo.

Vamos relembrar a acentuação das oxítonas e das proparoxítonas?

1. Converse com os colegas e sugira exemplos de palavras proparoxítonas. O que vocês observaram quanto à acentuação dessas palavras?
Todas são acentuadas.
2. Você consegue pensar em exemplos de proparoxítonas não acentuadas?
Não será possível sugerir esses exemplos, uma vez que não existem proparoxítonas não acentuadas na língua portuguesa.
3. Quanto às oxítonas, responda.
 - a) Todas as palavras do quadro a seguir são oxítonas. Todas elas devem receber acento gráfico? Para responder, escreva-as no caderno e coloque o acento onde for necessário.

canitar	canguru	porém	você	filé
está	Paraná	ali	parabéns	cipós
Pele	pasteis	caju	sabiás	cordel
heróis	imperatriz	xerox	ruim	troféu

b) Observe as terminações das palavras acentuadas para combor a reora de acentuação das oxí-

Figura 4: Acentuação de oxítonas e paroxítonas. Volume 2 (pág. 93)

Fique atento...

[EF67LP32] Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.

Atividade 1

- Sugerimos que anote as palavras sugeridas pelos alunos na leitura, adequadamente acentuadas.

Atividade 3, Item a

- Espera-se que os alunos percebam que não são todas as oxítonas que recebem acento gráfico

Como na proposta representada na figura 4, em outro momento, a coleção mostra a ocorrência de uma atividade interessante sobre acento tônico e átono. Para trabalhar o conteúdo tonicidade, a autora parte de um exercício de leitura do provérbio “Quando a cabeça não pensa, o corpo padece” (DELMANTO & CARVALHO 2018, pag. 121). A autora espera que os alunos percebam que ao pronunciar por exemplo: “Quando a cabeça” tem-se três palavras, mas na pronúncia do monossílabo “a”, ocorre uma incorporação do “a” com palavra “quando”, passando a existir uma sequência com dois acentos tônicos.

Delmanto & Carvalho (2018), apresentam além do aspecto tonicidade, acentuação, outro tópico importante relacionado à Fonética e Fonologia, as variedades linguísticas. Na coleção, o objetivo é demonstrar aos alunos as variedades regionais, urbanas a fim de que os mesmos compreendam-nas e demonstrem respeito diante das variedades linguísticas existentes. Na seção “A língua não é sempre a mesma”, após leitura de um texto de gênero cordel, a autora apresenta um início de conversa sobre o que são variedades linguísticas.

principalmente políticos.

A literatura de cordel chegou ao Brasil trazida pelos portugueses. Os primeiros folhetos editados no Brasil são da segunda metade do século XIX.

O cordel se desenvolveu bastante no interior do Nordeste, onde tinha não apenas a função de entreter com suas narrativas, mas também de levar notícias. Em um tempo em que não existia TV nem internet e os jornais e rádios não chegavam ao interior, o cordelista fazia o papel de repórter, andando de feira em feira e levando à população os acontecimentos da semana.

Não deixe de acessar

Blog do Chico

Nesse site, é possível ler mais um cordel do mesmo autor de "A hora da morte".

A língua não é sempre a mesma Não escreva no livro!

Compreensão das variedades linguísticas

Você já sabe que nem todos os falantes da língua falam da mesma maneira. As inúmeras variedades da língua portuguesa, construídas pelos milhões de brasileiros de todas as regiões, idades e grupos sociais atestam a diversidade de nossa cultura.

Sente-se com um ou dois colegas com os quais você ainda não trabalhou neste ano. Juntos, reflitam sobre as questões a seguir, levando em conta conhecimentos já adquiridos sobre a língua portuguesa e seu uso pelos falantes. Em seguida, apresentem as considerações do grupo aos demais colegas e ao professor.

1. Você teve dificuldade para entender algum trecho dos textos desta Unidade? Se sim, dê exemplos. **Resposta pessoal.**
2. Você acha que as variedades linguísticas usadas nos cordéis lidos interferem na interação entre cordelista e seu público? Justifique sua resposta.
3. Você já encontrou algum tipo de obstáculo à interação social com pessoas de outro estado que não o seu, de outras idades ou de outro grupo social por causa do vocabulário que essa pessoa utilizava? Se sim, dê exemplos. **Resposta pessoal.**
4. Leia o box a seguir.

As variedades linguísticas próximas da norma-padrão são consideradas **variedades urbanas de prestígio**.

Figura 5: Variedades linguísticas. Volume 2 (pág. 144)

Nessa perspectiva de reflexão sobre a língua, a autora realiza uma complementação do conteúdo, apresentando uma reflexão sobre a norma-padrão e o preconceito linguístico, que aparecem como um continuum em toda a coleção, com uma compreensão de que a aprendizagem da língua ocorre por meio dos usos, na interação com o outro e que a capacidade de produzir discursos orais ou escritos devem ser adequados às situações de uso da linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a abordagem das questões das áreas de Fonética e Fonologia estão presentes na coleção Português: *Conexão e Uso*, de Delmanto & Carvalho e atendem ao chamamento de trabalho da multiplicidade de gêneros em sala de aula. A autora propôs atividades que contemplam as competências e habilidades sinalizadas nos eixos Leitura, Oralidade, Escrita, Gramática, Análise linguística e Semiótica em consonância com a BNCC, que a priori, orienta um estudo da língua voltado para as práticas de linguagem. No entanto, por tratar-se de um material recente, percebe-se que a necessidade de implementação do material tradicional, uma vez que apenas o livro didático não consegue abarcar o propósito de promover os conhecimentos essenciais ao desenvolvimento das competências e habilidades relativas à prática da oralidade dos alunos das

séries finais do Ensino Fundamental e diante de uma proposta dita como sociointeracionista e discursiva, a autora apresentou uma abordagem genérica das questões da área de Fonética e Fonologia, cuja ocorrência enquanto objeto do conhecimento aparecem ora como variação linguística ora como conteúdos fono-ortográficos associados a todos os campos de atuação das séries finais do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BISOL, Leda. Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro. Porto Alegre: EDIPUC – RS, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laís B. de. **Português: Conexão e uso**. 8º ano. Ensino Fundamental: anos finais: São Paulo: Saraiva, 2018.

_____. Português: Conexão e Uso (6º ano). Disponível em: https://api.plurall.net/media_viewer/documents/2595924. Acesso: 08 de agos. 2021.

_____. Português: Conexão e Uso (7º ano). Disponível em https://api.plurall.net/media_viewer/documents/2595927. Acesso: 08 de agos. 2021.

_____. Português: Conexão e Uso (8º ano). Disponível em https://api.plurall.net/media_viewer/documents/2595930. Acesso: 08 de agos. 2021.

_____. Português: Conexão e Uso (9º ano). Disponível em https://api.plurall.net/media_viewer/documents/2595933. Acesso: 08 de agos. 2021.

HORA, D. da. **Fonética e Fonologia**. Disponível em <http://goo.gl/ecYIc> Acesso em 10 de junho de 2021.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; ROJO, Roxane (Org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

ROBERTO, Tânia Mikaela Garcia. **Fonologia, Fonética e Ensino: guia introdutório**- 1ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guias de exercícios**. 7. Ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SEARA, I.C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.